



LIVRO 13 - O MACACO QUE FUGIU DO FOGUETE

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.

Sinopse:

O livro conta a história do macaco Kikiki que foi capturado na floresta para uma missão espacial, mas conseguiu fugir do foguete, iniciando uma aventura para reencontrar os seus amigos e parentes na floresta. Kikiki acaba caindo no sítio de Betinho e seu avô Joca que, após descobrirem que se tratava do macaco espacial, iniciam uma aventura procurando reintegrá-lo à floresta onde nasceu. O livro dá maravilhosos exemplos de respeito aos animais silvestres e de amor à Natureza.

J. J. Dacosta

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

J. J. Dacosta

Nossa história começa em uma parte da imensa floresta amazônica. Naquele final de tarde, um bando de macacos-prego fazia o que mais gostava - brincar.

Eles já tinham se alimentado de frutos e sementes, além de alguns petiscos de insetos. Mas, antes de se refugiarem nas árvores para dormir, eles gostavam de fazer a maior bagunça.

Pulavam de galho em galho, corriam uns atrás dos outros, fingiam estar lutando e gritavam muito. Os gritos eram ouvidos de longe na floresta.

E entre a macacada, havia um que era amigo de todos. Os macacos-prego gostavam dele pelo sorriso alegre e feliz que contagiava a todos.

Por isso ele era chamado de Kikiki. Quando outro macaco chegava perto, ele logo emitia um som de boas vindas: Kikiki.

Kikiki vivia na floresta brincando, comendo, fazendo travessuras com os seus amigos. Uma brincadeira que ele gostava de fazer era de puxar o rabo dos macacos maiores e sair correndo.

Como ele era muito esperto e rápido, ninguém conseguia pegá-lo. Mas, todos gostavam dele, mesmo os macacos velhos rabugentos que se irritavam com suas brincadeiras.

Kikiki era muito curioso e se aproximava de tudo que fosse estranho na floresta.

Um dia, ele viu uma gaiola no chão e com uma portinha, com algumas bananas dentro.

Como as bananas lhe pareciam muito apetitosas, ele se interessou pela gaiola, apesar de estar com medo.

Ele ia de lá para cá, tocava a gaiola com as mãos, via que não se mexia e parecia não oferecer perigo. E lá dentro as gostosas bananas o convidavam para entrar.

Após algum tempo, Kikiki com fome decidiu que aquelas bananas seriam suas, as pegaria e fugiria rápido para comê-las bem longe dali.

E assim fez.

Kikiki aproximou-se da gaiola cuidadosamente, olhava de um lado para o outro, enquanto entrava lentamente na caixa.

Quando, finalmente, ele alcançou e pegou as bananas, a portinha se fechou rapidamente, prendendo Kikiki lá dentro.

Era uma armadilha! Kikiki estava preso e perdeu até a fome pelas bananas.

Ele gritava e chamava pelos seus amigos e pelos seus pais, mas ninguém o ouvia.

Em seguida, apareceram dois homens que levantaram a armadilha no ar, dizendo:

- Puxa! Este parece o macaco que estávamos procurando. É jovem, forte e esperto! Vamos levá-lo!

Kikiki se debatia na armadilha, chegando machucar um pouco o seu nariz.

Os homens seguiam o seu caminho pela floresta, procurando sair de lá rapidamente.

Kikiki, cansado, sentou-se na gaiola e olhava a copa das árvores passarem uma a uma, já estava entardecendo.

- O que será que vão fazer comigo? Para onde estes macacos grandes estão me levando? O que querem de mim? Perguntava-se Kikiki, enquanto pegava uma banana para matar a fome, sem muito entusiasmo.

A armadilha foi colocada em um carro e os homens pegaram a estrada a toda velocidade. A noite caía na grande floresta.

Todos os macacos-prego do bando estranharam a ausência de Kikiki. Ele costumava brincar até o último minuto e incomodava outros que já estavam dormindo. Ele só parava quando um macaco-prego mais velho dava um tapa em sua cabeça, como se dissesse:

- Kikiki! Agora é hora de dormir. Pare de brincar!

Naquela noite, o bando foi dormir preocupado e triste pela ausência de Kikiki. Alguns pensavam: Será que ele foi pego pelo gavião-real? Será que uma jaguatirica o devorou?

E esta tristeza continuou nos dias, semanas e meses seguintes. As brincadeiras do final de tarde nunca mais foram as mesmas sem o Kikiki.

Finalmente, os homens chegaram a um galpão onde a gaiola ficaria até a manhã do dia seguinte.

Kikiki ouvia somente os homens falarem:

- Amanhã cedo vamos pegar o avião direto para a base espacial.

A noite de Kikiki foi terrível. Enjaulado na pequena gaiola, ele mal conseguiu dormir.

Gritava, chorava, mas não via nenhum de seus amigos e seus pais. Cansado, dormiu.

No dia seguinte, Kikiki acordou com a claridade que vinha da porta, aberta pelos dois homens.

- Olá, meu amiguinho, bom dia! Nós vamos viajar um pouco de avião. Mas, antes, tome estas bananas e estes amendoins.

Kikiki sentiu-se um pouco mais seguro com a voz carinhosa dos dois homens. E aceitou as bananas e os amendoins. Estava com fome.

Mas, se questionava: O que seria viajar de avião?

Não demorou muito para ele saber.

Parado bem próximo ao galpão, Kikiki viu uma enorme ave, com duas asas grandes. Esta ave tinha duas hélices grandes na frente que faziam grande barulho.

- Será que isto é o avião? Perguntava Kikiki.

A gaiola foi levada para dentro desta grande ave e Kikiki pensava que tinha sido engolido.

Mas, lá dentro, pode ver que a grande ave tinha um estômago oco e já tinha engolido muitas coisas – tambores, grandes caixas, rolos de cordas, malas. Ela engoliu até o carro que tinha transportado a gaiola.

- Que ave estranha e cada coisa ruim que ela come. Mas, eu estou vivo. Como pode? Ela engoliu até os meus cachos de bananas!

O avião começou a voar e alcançou os céus rapidamente. E nosso pobre Kikiki, assustado, dizia:

- Nossa! Nunca vi uma ave deste tamanho na floresta!

O avião desceu em uma base aérea onde tinha muitos homens e outros aviões.

E tinha, também, algo que Kikiki também nunca tinha visto antes. Eram foguetes nas rampas de lançamentos.

Tratava-se de uma base espacial e lá os cientistas faziam lançamentos de foguetes ao espaço com as mais variadas finalidades - uma delas, explorar a Lua!

Os homens levaram Kikiki para outra sala, muito bem cuidada, toda fechada e pintada de branco, tudo muito limpo.

Ninguém podia entrar lá, somente o Dr. Jayme que, olhando Kikiki, disse:

- Menino, você vai ser o macaco mais importante do Brasil e o primeiro macaco a ser enviado à Lua!

Olhando para este novo macaco grande e mais velho, Kikiki disse:

- Kikiki.

- Kikiki, é este o seu nome? Vamos chamá-lo de Kikiki! Disse o velho cientista.

Kikiki sentiu-se importante e lembrou-se da Lua na floresta. Era linda, principalmente quando estava cheia.

- Deve ser muito bonito na Lua! Eu vou poder ver a floresta lá de cima e ver meus pais e meus amigos! Se não estiver contente, eu salto lá de cima! Pensou Kikiki.

À noite, Kikiki cochilava em sua gaiola, quando o Dr. Jayme e os outros dois homens entraram e começaram a conversar:

- Esta missão à Lua será muito importante para as nossas experiências espaciais. Se conseguirmos mandar um foguete à Lua com um macaco dentro vai ser um grande sucesso. Isto colocará o Brasil na lista dos países avançados na conquista espacial. Mas, fico triste pelo macaquinho. É tão bonitinho e já se tornou amigo da gente. Mas, ele conseguirá sobreviver na Lua por apenas algumas horas. Este será o tempo suficiente para as nossas experiências. Infelizmente, temos que fazer estes sacrifícios de animais para o bem da ciência!

Kikiki ao ouvir isto ficou apavorado.

- Como assim? Quer dizer que eles vão me mandar para a Lua e não vão me trazer de volta, vão me deixar lá até... credo... morrer?

Kikiki não sossegou mais. Ficou irrequieto o tempo todo, ia de lá para cá na gaiola, procurando algum buraco que pudesse sair.

Mas, a gaiola estava muito bem fechada, não tinha como ele escapar dela.

Passados alguns dias, um homem estranho, com uma máscara no nariz, a cabeça coberta e uma roupa toda branca, entrou no quarto onde estava a gaiola com Kikiki.

Este homem vestido estranhamente pegou Kikiki e começou a vesti-lo da mesma forma - colocou uma roupa toda branca e um capacete em sua cabeça.

Kikiki podia ver somente através de um vidro.

- Já coloquei o macacão no macaquinho! Disse o homem para os demais, que riram da piada.

- Ele já está pronto para a viagem!

- Coloque, também, um paraquedas em suas costas. Se o lançamento do foguete não der certo por algum motivo, vamos acionar o assento automático e lançar o macaco no espaço de paraquedas. Assim, podemos testar também este sistema para um futuro astronauta.

Kikiki ouvia, mas não gostava do que ouvia.

- Meu Deus! Além de me levar à Lua de onde eu não vou voltar, o foguete pode explodir e eu vou ser lançado no espaço por este tal de paraquedas?

E foi assim que a aventura de nosso querido Kikiki começou.

No dia marcado, a base espacial estava cheia de pessoas para o grande acontecimento. Kikiki gostaria de ver os seus pais e seus amigos também nesta hora. Mas, eles deviam estar tão longe.

Kikiki, já fora da gaiola e com os seus trajes espaciais, subia a escada que o levaria para dentro do foguete.

Todos aplaudiam e tiravam muitas fotos. Kikiki, por um segundo, sentiu-se muito importante e até fez pose para os fotógrafos.

Mas, quando estava dentro do foguete, começou a tremer de medo.

O Dr. Jayme deu uma ordem:

- Podem começar a contagem regressiva para o lançamento do foguete. Kikiki, boa sorte! A humanidade vai agradecer o seu sacrifício um dia!

A contagem regressiva começou: Dez, Nove, Oito, Sete, Seis, Cinco, Quatro, Três, Dois... Um. Ignição!

O foguete começou a tremer e um jato de fogo saía do motor. Em segundos, o foguete começou a subir, lentamente e depois muito rapidamente.

Kikiki não queria saber de agradecimentos da humanidade e, tão logo o foguete foi lançado, começou a mexer em tudo desesperadamente.

Ele via as casas e as matas ficarem menores cada vez mais. Sentia que não tinha muito tempo a perder.

Quando já estava bem no alto, Kikiki desamarrou os cintos de segurança.

Olhando para baixo, ele via o planeta Terra como uma imensa bola azul.

Mexendo em tudo, em certo momento Kikiki apertou um botão na cabine do foguete e o assento foi lançado no espaço, jogando Kikiki para fora do foguete.

Automaticamente, Kikiki ficou livre do assento e o paraquedas se abriu, começando uma descida para o chão.

O foguete continuou a viagem para a Lua, porém, não foi desta vez que levaria um animal para a Lua, pelo menos, não Kikiki.

O paraquedas com Kikiki descia lentamente para o chão. Kikiki estava protegido com as roupas e o capacete espacial.

Mas, não sabia onde iria parar. Lá de cima, Kikiki via as florestas e muita água. Eram os mares.

- Só me falta, agora, cair no mar! Preocupava-se Kikiki.

As horas se passaram.

Lá embaixo na Terra, outra história acontecia.

Betinho passava mais um fim de semana no sítio de seu avô Joca e ouvia suas histórias.

- Betinho, veja esta briga entre esta vespa e esta aranha!

- Nossa, vô! Por que elas estão brigando?

- Na verdade, quem está brigando é a vespa. Ela quer pegar a aranha!

- Vamos separar a briga, vovô? Coitada da aranha!

- Não, Betinho, a vespa está procurando cumprir o seu papel de mãe. Ela quer fazer a aranha dormir com uma picada. Depois que conseguir isto, ela vai arrastar a aranha até a sua casinha, um buraquinho feito na terra.

- Veja, vô! Ela já está arrastando a aranha para o buraco na terra!

- É, estou vendo! Depois, lá dentro, ela vai depositar um ovo na barriga da aranha e o filhote da vespa vai se alimentar da aranha, até ficar uma vespa adulta.

- Vô, eu vou tirar a aranha dela, posso?

- Betinho, você não deve fazer isto. Se você fizer isto e outras pessoas também, as vespas vão desaparecer e o número de aranhas será muito grande. Não devemos intervir no curso normal da vida na natureza.

Falando isto, seu avô se retirava, abraçando Betinho carinhosamente.

Betinho estava chocado, mas tinha aprendido que a gente não deve intervir na natureza. E era sempre assim.

Seu avô tinha sempre uma história interessante para contar da natureza.

O seu avô Joca adorava a natureza, com todos os seus animais e plantas.

Ele não perdia uma oportunidade de mostrar para o neto as belezas que a natureza esconde em cada flor, em cada fruto, em cada folha, em cada pedacinho do terreno.

Seu avô sempre viveu sua vida procurando proteger os animais, plantando árvores de frutas. Ele construiu comedouros que espalhava pelo quintal. Assim, os pássaros tinham um lugar na casa onde pudessem encontrar frutas frescas para comer e água para beber.

Ele jogava, também, quirera de milho no chão, perto de uma árvore que todos os anos dava muitas flores azuis e cheirosas que os beija-flores gostavam muito.

Assim, todos os dias ele podia encontrar-se com os seus amigos.

- Viu, Betinho, como a natureza retribui os presentes que damos para ela? E é assim mesmo! Os seres humanos podem procurar paz e diversão em lugares construídos por eles. Entretanto, somente encontrarão o verdadeiro sentido da vida e a paz interior quando se conviverem com a natureza.

Certa vez, nós andávamos por uma estrada que dava a volta no sítio e, em dado momento, meu avô me chamou a atenção, rindo:

- Veja, Betinho, olha aquele besouro preto jogando bola com o esterco de vaca!

Incrível! O besouro empurrava uma bola de esterco de vaca maior que ele, como se estivesse jogando!

- Vô, mas ele joga bola sozinho?

- Não, ele não está jogando bola como um menino igual a você. Ele está procurando atrair um besouro-fêmea para casar-se com ele! Vamos acompanhar para onde ele vai levar esta bolinha de esterco!

Eles ficaram olhando o besouro por mais de 20 minutos até que ele chegou a um lugar fresquinho e com sombra perto de um abacateiro.

Lá, ele começou a cavar um buraco na terra. Em volta da bolinha de esterco, ele abria espaço no chão, girando em torno dela. E, cada vez que girava em torno dela, mais a bolinha de esterco entrava no buraco, até que ela desapareceu dentro dele.

- Pronto, Betinho, ele já tem sua casa e comida para os filhotes que vão nascer do seu casamento com o besouro-fêmea. Se ele não fizesse isto, nenhum besouro-fêmea iria querer se casar com ele!

De repente, o Manoel, caseiro do sítio, interrompeu as histórias do vovô:

- Seu Joca, o senhor já viu um animal marrom, com um rabo bem comprido que vem aparecendo no sítio comendo os coquinhos da palmeira?

- Como assim, Manoel? Que animal é este? Como ele se parece? Perguntou meu avô.

- Eu não conheço! Nunca vi nada parecido por aqui. Ele se agarra nos galhos para comer frutas e folhas das árvores e quando vê alguém foge muito rápido. Esta semana ele apareceu quase todos os dias pela manhã e à tarde, respondeu Manoel.

- A que horas da tarde ele aparece e onde ele costuma aparecer?

- À tarde ele aparece perto do viveiro dos periquitos, na ameixeira, lá pelas cinco horas da tarde, esclareceu Manoel.

Naquele dia, todos se esconderam perto do local onde o estranho e misterioso animal deveria vir para saborear algumas ameixas.

À medida que a hora vinha chegando, seu avô pedia silêncio total, até que seu avô falou baixinho:

- Vamos ficar quietos, ninguém fala nada. Eu estou vendo algo vindo em direção à ameixeira! Quietos!

O misterioso animal finalmente apareceu, escondido em meio à vegetação abundante do sítio do vovô.

Silenciosa e cuidadosamente, ele foi se agarrando galho por galho até chegar à ameixeira, onde começou a colher e comer ameixas com muita delicadeza e calma.

Seu avô exclamou:

- É um macaco! Nossa, é um macaco-prego!

E era realmente um macaco, sozinho, muito bonito. Ele tinha pelos longos de cor amarronzada e um grande rabo. Ele se agarrava nos galhos das árvores com as mãos, pés e com a ajuda do rabo. Ele tinha até uma pequena barba.

Ali ele permaneceu por alguns minutos, enquanto todos continuaram escondidos para observá-lo.

Betinho mal conseguia respirar de tanta emoção!

Ao sentir nossa presença, o macaco se apressou em ir embora assustado e Betinho ficou preocupado:

- Será que ele não voltará mais? Perguntou triste ao seu avô.

- Se ele já foi visto antes com certeza voltará, tranquilizou seu avô.

- Vô, vamos chamá-lo de Simão. Eu vi um macaco no zoológico que se chamava Simão!

Todos riram e concordaram em chamar o novo visitante de Simão.

Toda a família e, principalmente, seu avô Joca, não via a hora de chegar o final de semana para ir ao sítio e saber das novidades de Simão. E, se possível, vê-lo.

À noite, no jantar, Betinho ouvia histórias a respeito de Simão:

- Acho que Simão foi expulso pelo macaco dominante de um bando, pelo fato de ser um macaco macho! Disse seu tio Eduardo.

- Eu acho que não! Simão deve ter escapado da jaula de algum caminhão de circo que passou pela cidade! Disse seu pai João.
- Não, eu já tenho outra ideia. Simão deve ter sido abandonado por alguma pessoa que ficou com medo da polícia. Macacos não podem ficar presos nas casas das pessoas! Falou sua mãe Sílvia.
- Eu já acho que Simão escapou da gaiola de algum traficante de animais silvestres, estas pessoas más que caçam animais da floresta para vender! respondeu sua irmã Ana.
- Gente, não é nada disto. Kikiki deve ter se cansado da vida da floresta e decidiu conhecer como é a vida na cidade e entre os humanos, vindo parar no sítio!

Todos riram da versão do vovô Joca e encerraram o assunto.

À noite, após o jantar, todos viam televisão, quando o apresentador do telejornal deu uma notícia:

Hoje no Centro Espacial o foguete Lunar Um foi lançado em direção à Lua, levando consigo um macaco. Foi o primeiro lançamento de um foguete brasileiro em direção à Lua, tripulado pelo macaco astronauta Kikiki. Este macaco foi treinado para realizar as experiências na Lua. Ele, também, foi treinado para transmitir as informações da viagem, acionando os botões do foguete. Assim, poderemos acompanhar como é a viagem para a Lua. Infelizmente, esta viagem não trará de volta Kikiki, que ficará perdido para sempre na Lua.

A reportagem terminava com o pessoal dando adeus a Kikiki:

- *Boa sorte Kikiki! Sua vida será muito importante para a ciência!*

E o jornalista continuou:

Até o momento, nenhum contato foi feito com o Centro Espacial por Kikiki. Vamos aguardar. Amanhã voltaremos com novas notícias.

No dia seguinte, Betinho procurou seu avô para falar da reportagem da televisão:

- Vô, o senhor não acha que Simão pode ser o macaco astronauta?

- Betinho, com certeza não. Não há como este macaco astronauta escapar com vida!

Simão continuava sua vida no sítio do vovô. Brincava, fazia careta, pulava nos ombros da irmã de Betinho e acariciava os seus cabelos. Ele passou a ser a maior diversão de todos, principalmente do avô Joca.

Ele já estava se acostumando com as pessoas do sítio e até vinha comer banana na mão.

O avô Joca ficava sentado a maior parte do tempo, vendo os passarinhos comer nos comedouros. Mas, quando Simão aparecia, ele se levantava e ficava horas olhando e brincando com Simão, oferecendo frutas e água fresca.

Seu avô costumava dizer:

- Betinho, Simão é nosso irmão. Nós descendemos do macaco. Na verdade, nós também somos macacos. Veja como somos parecidos com ele!

Realmente, as mãos, os olhos, as orelhas, o nariz, as pernas e até o pipi de Simão eram parecidos com Betinho e ele confirmava ao seu avô:

- Nossa, vô, é verdade mesmo. Eu sou igualzinho ao Simão. Só não tenho este rabo comprido!

- Isto é o que você pensa, Betinho. No passado muito distante, também tivemos rabo!

De todos os animais que visitaram o sítio do vovô Joca, Simão foi o que lhe trouxe as maiores alegrias.

Simão começou a aparecer com frequência no sítio e a se acostumar com as pessoas.

E Simão passou a ser parte da família, vivendo no sítio feliz e contente, com frutas, flores e folhas por todos os lados e que ele gostava muito.

Quando Simão ouvia o barulho do carro do vovô chegando, ele logo se aproximava da casa, ficando no caquizeiro à nossa espera. Todos estavam felizes com a presença de Simão.

Em uma tarde, todos levaram um susto com uma ligação do senhor Manoel:

- Seu Joca, o Simão foi preso!
- Como assim, Manoel? Preso como, o que aconteceu?
- Ele saiu da área do sítio e começou a andar no telhado de uma casa vizinha. A vizinha se assustou e chamou a polícia florestal que prendeu o Simão em uma gaiola.
- Manoel, procure explicar para os policiais que o Simão não é um animal que nós compramos de traficante para deixar no sítio. Diga que ele apareceu sozinho, como outros animais silvestres que têm aparecido no sítio.

Betinho acompanhava a conversa do seu avô com o senhor Manoel com uma grande agonia. Seu coração disparava. Não podia imaginar o sítio sem o Simão.

E, também, estava com muito dó dele. Como prender um animal que está tão bem, num lugar que ele escolheu e que gosta muito! Ele não conseguia entender.

Passados algumas horas o senhor Manoel voltou a ligar:

- Seu Joca, vieram os agentes do Órgão Ambiental e eles autorizaram soltar o Simão no sítio. Mas, disseram que ele é um animal da floresta amazônica e tem que ser solto lá.
- Manoel, por quanto tempo eles estão deixando o Simão no sítio?
- Seu Joca, por noventa dias!

Esta notícia foi uma alegria para o seu avô e para Betinho! Pelo menos, iam deixar o Simão ficar no sítio por mais alguns meses.

Mas algo estranho tinha chamado a atenção dos agentes do Órgão Ambiental.

O macaco tinha escondido em seu braço uma pulseira com a inscrição: Centro Espacial - Projeto Lunar Um.

Ninguém no sítio tinha percebido esta pulseirinha escondida no braço de Simão. E o Órgão Ambiental comunicou este fato ao Centro Espacial.

Assim, esta trégua de noventa dias durou pouco. Algumas dias depois, Betinho ouviu na televisão:

Os cientistas do Centro Espacial localizaram Kikiki, o macaco fujão. Kikiki escapou do foguete Lunar Um quando se dirigia à Lua, interrompendo as experiências que estavam sendo previstas para esta missão. Kikiki está bem e foi localizado em um sítio em São Paulo. Os cientistas devem resgatar Kikiki a qualquer momento e levá-lo de volta ao Centro Espacial. Um novo lançamento de foguete será feito em breve.

Betinho foi correndo e chorando dar a notícias para o seu avô:

- Vô, eu acabei de ouvir na televisão que o Simão é o macaco Kikiki, que fugiu do foguete. É ele mesmo. Os cientistas do Centro Espacial estão vindo para o sítio resgatar o Simão, ou melhor, Kikiki, e levá-lo de volta ao Centro Espacial! O que vamos fazer?

Seu avô franziu a testa, pensativo. E assim ficou por um bom tempo, andando de lá para cá no sítio. Até que ele interrompeu o seu silêncio:

- Betinho, nós temos que esperar o pessoal do Centro Espacial vir buscar Simão. Quem sabe eles não o levam de volta para a floresta amazônica!

- Mas, vô. Eles vão mandá-lo novamente para a Lua e não para a floresta!

- Betinho, não temos outra alternativa. Simão, ou melhor, Kikiki, não poderia estar aqui!

Betinho ficou triste, mas procurava entender a situação.

Simão continuava sua vida feliz no sítio do vovô. Brincando, alimentando-se com as frutas abundantes e muitas folhas gostosas que encontrava. Ele estava muito forte e já era um macaco adulto.

Mas, ele não sabia que os homens do Centro Espacial estavam vindo para resgatá-lo novamente.

Um dia, o Senhor Manoel avisou que dois homens do Centro Espacial estavam na porteira do sítio.

O avô de Betinho foi se encontrar com eles e Betinho se escondeu no seu quarto, chorando. Não queria ver a cena do aprisionamento do Simão novamente.

- Mas, senhores. Como vocês vão capturar o Kikiki? Perguntava seu avô.

- Senhor, vamos capturar o macaco com a rede e colocá-lo na gaiola. Fique tranquilo que tudo ocorrerá bem.

Mas, Kikiki não estava achando esta ideia nada boa.

Quando viu o carro do Centro Espacial e os homens vestidos de branco, Kikiki logo se lembrou de tudo que tinha passado. Não queria mais voltar ao foguete e muito menos conhecer a Lua.

E Kikiki desapareceu.

Os homens do Centro Espacial, após muitas horas de busca, desistiram de procurar Kikiki. Voltariam em outra oportunidade.

À noite em seu quarto, Betinho viu os seus bichinhos de pelúcia se movimentar.

Um deles, saltava até no ar.

Betinho ficou assustado, mas logo descobriu o que estava acontecendo.

Misturado ao meio de outros bichinhos de pelúcia, lá estava Kikiki. Ele se misturou aos bichinhos de pelúcia para se esconder dos homens do Centro Espacial.

Foi quando o vovô Joca decidiu:

- Betinho, temos que ajudar Kikiki a voltar para a floresta amazônica! Ele não quer voltar ao foguete!

Betinho pulou de alegria e quis saber de seu avô como iriam ajudar Kikiki voltar para a floresta Amazonas.

O vovô Joca ligou para o seu amigo Doutor Paulo que tinha uma grande fazenda no Mato Grosso, já na divisa com a região amazônica.

E combinaram uma viagem para a fazenda para uma pescaria. De lá seu avô Joca soltaria Kikiki.

Mas, como levar Kikiki sem que fosse descoberto por ninguém?

- Vô! Já sei! Vamos vesti-lo de bichinho de pelúcia e eu o carrego comigo. Vamos levar todos os bichos de pelúcia que eu tenho. Assim, será difícil descobrir Kikiki! Sugeriu Betinho.

Betinho não disse ao seu avô que o Kikiki tinha lhe dado esta ideia!

A viagem para Mato Grosso na caminhonete do Dr. Paulo foi tranquila.

Esta tranquilidade somente era quebrada quando Kikiki começava a jogar os outros bichos de pelúcia para cima.

Quando o Dr. Paulo olhava pelo retrovisor para ver o que estava acontecendo, Betinho fingia que ele estava brincando com os bichos de pelúcia, com o olhar encabulado do Dr. Paulo.

Finalmente, chegaram à Fazenda do Dr. Paulo. Betinho procurou, correndo, levar os seus bichinhos de pelúcia para dentro da casa.

Entre eles, Kikiki que dormia cansado de tantas horas de viagem.

No jantar, seu avô Joca contou ao Dr. Paulo a história de Kikiki:

- Paulo, você deve ter ouvido na televisão a história do macaco que fugiu do foguete, não?

- Sim e achei muito bem feito. Os homens têm que aprender a resolver suas experiências científicas sem sacrificar os animais!

- Pois é! Este macaco fujão se chama Kikiki e ele está aqui conosco e vamos soltá-lo na floresta o mais rápido possível!

O Doutor Paulo surpreso respondeu:

- Bem, eu não sabia que era um macaco, mas que vocês traziam algum bicho no carro eu já tinha desconfiado. Nunca vi bichinhos de pelúcia pular e fazer tanta bagunça!

Betinho e o avô Joca riram e ficaram aliviados de ver que o Dr. Paulo não ficou bravo com eles. Ele era mais uma pessoa que gostava e protegia os animais.

Assim, Betinho pode tirar a roupa de pelúcia do Kikiki e colocá-lo em um viveiro da fazenda.

- Vamos alimentá-lo bem nos próximos dois dias e levá-lo para a floresta! Determinou seu avô.

Kikiki parecia sentir bem na fazenda. Ouvia os sons dos pássaros que estava acostumado a ouvir e via as grandes árvores, suas companheiras na floresta.

No viveiro, Kikiki pulava de galho em galho o tempo todo. Comia e procurava abrir a portinha do viveiro para sair, mostrando estar preparado para a grande viagem de volta.

- Joca, quer saber o que eu faria? Disse o Dr. Paulo.

Betinho e seu avô olhavam para ele, aguardando a resposta.

- Eu deixaria a portinha do viveiro aberta, continuaria deixando água e comida. Assim, Kikiki poderia sair, voltar para comer, se acostumar com as árvores novamente e decidir quando e por onde deveria voltar para a floresta.

Eles gostaram da sugestão do Dr. Paulo e imediatamente a portinha do viveiro foi aberta.

Kikiki não demorou a sair e imediatamente se dirigiu para as árvores próximas. Lá ele ficava no galho olhando para todos os lados, indeciso do que fazer.

Ele voltava para o viveiro, comia, bebia água, saía novamente e assim continuou por vários dias.

Em uma manhã, Kikiki olhou para o horizonte, viu a grande extensão de mata próxima da fazenda. Em seguida, olhou várias vezes para Betinho, seu avô e o Dr. Paulo, como se estivesse se despedindo, e lançou-se vigorosamente em direção aos galhos mais altos.

De longe, puderam vê-lo seguir em direção à grande floresta com uma incrível rapidez, pulando de galho em galho.

Assim, Kikiki sumiu de suas vidas.

Na volta, Betinho pode ouvir seu avô falar para o Dr. Paulo, enquanto cochilava no banco do carro:

- Paulo, esta viagem de Kikiki é um grande desafio para ele. Ele terá que vencer uma grande distância, achar o caminho exato que o levará aos seus pais e amigos na floresta. Nesta viagem, correrá muitos riscos. Poderá ser agredido por outros macacos, ser pego por uma águia ou outro animal. Mas, nunca saberemos. Que a Mãe Natureza ajude Kikiki.

Os anos se passaram. Nunca mais souberam de Kikiki.

Hoje, criança crescida, Betinho fica sentado na varanda da casa do sítio, olhando o jardim e as plantas que o seu avô Joca plantou.

Ele fica admirando os pássaros que, até hoje, comem e bebem água no comedouro que seu avô construiu para poder ver os passarinhos que, diariamente, vinham às dezenas se beneficiar deste presente.

Betinho se recorda da história de Kikiki.

Uma história de verdade que sempre estará em seu coração.

À noite, quando o céu está estrelado, Betinho pega o antigo binóculo de seu avô, que guardou como recordação. Ele olha para o céu, tentando ver a estrela onde seu avô Joca, e talvez Kikiki, pudesse estar morando.

São milhões de estrelas, como eram milhões os sonhos de seu avô. E, a cada noite que Betinho olhava, parecia que o céu estava mais e mais estrelado.

Sorrindo e conversando consigo mesmo, ele podia sentir que seu avô Joca, e quem sabe até Kikiki, estava plantando estrelas pelo céu!

Mas, Kikiki não estava, ainda, com o avô de Betinho no céu.

Bem longe, na floresta amazônica, ele estava vivo e feliz de ter reencontrado seus pais e amigos. Ele fez uma longa viagem de volta e conseguiu vencer todos os perigos do caminho.

Entretanto, ninguém no sítio do vovô Joca soube disto e nunca saberá.

Hoje, Kikiki é um macaco adulto e já tem até uma família. Casou-se com uma macaquinha chamada Kakaka com quem teve dois lindos filhotes - Keke e Kiukiu.

Ele tem grande prestígio entre os macacos do bando e exibe sempre sua pulseira onde está escrito Centro Espacial - Projeto Lunar Um.

Às vezes à noite, ele mostrava a Lua para os seus dois filhotes, dizendo:

- Por pouco eu não estaria lá para sempre! Mas, a saudades da floresta e de meus pais e amigos me fez voltar!

Kiukiu, o filhote macho, gostava de fazer travessuras com os seus amigos.

Uma brincadeira que ele gostava de fazer era de puxar o rabo dos macacos maiores e sair correndo. Como ele era muito esperto e rápido, ninguém conseguia pegá-lo.

Mas, todos gostavam dele, mesmo os macacos velhos rabugentos que se irritavam com suas brincadeiras.

Kiukiu era muito curioso e se aproximava de tudo que fosse estranho na floresta. Um dia, viu uma gaiola no chão e com uma portinha, com algumas bananas dentro.

Como as bananas lhe pareciam muito apetitosas, ele se interessou pela gaiola, apesar de estar com medo.

Será que Kiukiu vai entrar para comer as bananas e ficar preso também como aconteceu com o seu pai Kikiki e viajar em outro foguete para a Lua?

Será que esta história vai começar tudo de novo?

FIM